

## O fim da metafísica e o espírito livre

The end of metaphysics and the free spirit

Prof. Dr. Gustavo Arantes Camargo  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

**RESUMO:** O presente texto aborda a ideia de niilismo, entendendo-o como consequência da crítica à filosofia metafísica empreendida por F.W. Nietzsche. Para tanto, parte-se do conceito de morte de deus e do consequente fim da metafísica. A consequência deste acontecimento não precisa ser, necessariamente, a perda de sentido para a existência. Ao contrário, Nietzsche entende que apenas superando o pensamento metafísico poderá a humanidade criar o sentido da existência a partir de si mesma. O experimento do espírito livre aparece como momento afirmativo nessa direção.

**PALAVRAS-CHAVE:** MORTE DE DEUS; NIILISMO; METAFÍSICA; ESPÍRITO LIVRE.

**ABSTRACT:** The present text approaches the idea of nihilism, understanding it as a consequence of the critique of the metaphysical philosophy undertaken by F.W. Nietzsche. To do so, one starts from the concept of death of god and the consequent end of metaphysics. The consequence of this event need not necessarily be the loss of meaning for existence. On the contrary, Nietzsche understands that only by overcoming metaphysical thought can humanity create the sense of existence from itself. The free spirit experiment appears as an affirmative moment in this direction.

**KEY-WORDS:** DEATH OF GOD; NIHILISM; METAPHYSICS; FREE SPIRIT.

### Morte de Deus e niilismo

O ocidente viveu, desde a Grécia Antiga, guiado por valores metafísicos, fossem eles criados por filósofos ou forjados pelos sacerdotes. Estes valores defendiam a desvalorização do corpo, dos afetos e dos impulsos e usaram a força do argumento da verdade fundamentada metafísicamente como suporte de legitimação. A fundamentação da moral em alicerces metafísicos tornava-os inquestionáveis, fortalecendo-os.

O que Nietzsche chama de morte de Deus é o fato de que a crença na moral cristã não é mais tão forte como foi em outros momentos da história. “O maior acontecimento recente – o fato de que ‘Deus está morto’, de que a crença no Deus cristão perdeu o crédito –

---

já começa a lançar suas primeiras sombras sobre a Europa”. (NIETZSCHE, 2002a, 343)<sup>1</sup>

Para Nietzsche, o homem viveria nos próximos dois séculos as consequências desta desvalorização dos valores supremos. “Isto que apresento é a história dos dois próximos séculos. Descrevo o que virá, o que não pode acontecer de outra maneira: o *advento do niilismo*.” (NIETZSCHE, 1976, 11 [411]) O niilismo é a consequência natural e necessária da perda de valor dos valores superiores nos quais a humanidade acreditou durante tanto tempo. Se o ocidente depositara suas esperanças e forças em valores transcendentais, tudo aquilo até então venerado perde seu valor a partir da descrença em deus e da desmistificação da verdade; um vazio de valor se instaura.

Por que o advento do niilismo é, de agora em diante, *necessário*? Porque são nossos valores eles mesmos que, de si, tiram suas últimas consequências; porque o niilismo é a lógica de nossos valores e ideais levada a seu termo – porque será necessário viver o niilismo para desvendar qual era o *valor* propriamente dito destes ‘valores’... Nos faltará, a qualquer momento, os *novos valores*. (NIETZSCHE, 1976, 11 [411])

Ainda que de uma maneira decadente, o cristianismo foi capaz de conferir um sentido à existência. Era um sentido que negava a vida naquilo que ela tem de mais básico e necessário, isto é, os afetos e as paixões, contudo, ao menos conferia um sentido para a vida e para o sofrimento e dor que esta pudesse oferecer. A moral trazia uma resposta segura à falta de sentido prévio da existência, sabia-se ao certo o que era bom e deveria ser feito. Moral e verdade andavam juntas. A partir da descrença nos valores superiores, o homem perde seu centro de gravidade e não possui mais parâmetros para lidar com a dor ou a falta de sentido. Todavia, como viveu por mais de dois milênios sob a proteção destas explicações, ele não consegue criar seus próprios valores. “Niilista é o homem que julga que o mundo tal como é *não* deveria ser assim e que o mundo como deveria ser não existe.” (NIETZSCHE, 1976, 9 [60]) O conceito de niilismo aponta para a impotência da vontade a partir do momento em que a metafísica

---

<sup>1</sup> As citações dos textos de Nietzsche serão feitas levando-se em consideração o número do aforismo e da seção (quando for o caso) onde se encontra a citação e não o número da página. Nos casos dos fragmentos póstumos, será utilizada a notação das edições estabelecidas por G. Colli e M. Montinari.

---

cai por terra, ele atesta a incapacidade para a criação dos próprios valores.

Para Nietzsche, efetivamente, não há sentido prévio nem escondido na existência, mas a Europa, diante de tal fato, preferiu mascarar esta realidade e construir um mundo ideal fictício que confortasse e desse segurança. Uma vez que se faz a crítica a este mundo supostamente verdadeiro e às categorias que o sustentam retira-se o suporte que permitia a crença em valores absolutos. O fim desta crença causa a perda do valor das coisas.

O niilismo aparece como o sentimento resultante da desmistificação dos valores até então tidos por superiores. A consequência é a incapacidade de se atribuir um sentido à dor e à existência e de se acreditar que a vida vale a pena ser vivida. “O perigo dos perigos: nada possui sentido” (NIETZSCHE, 1978, 2 [100]); esta situação é perigosa, pois na ausência de uma meta e de uma boa interpretação para a vida, esta voltará a ser negada. Contudo, desta vez a vida não será negada em nome de valores superiores, o fim destes valores superiores significa que não mais se crê em um motivo para viver. “*Nilismo*: falta a meta; falta a resposta ao ‘por quê?’; o que significa niilismo? – *que os valores supremos se desvalorizaram.*” (NIETZSCHE, 1976, 9 [35]) A falta de uma meta, de uma crença, de um objetivo, o vazio existencial traz o perigo de que a vida seja negada por si mesma, perigo de que a vida possa ser considerada como indigna de ser vivida.

Com a morte de Deus vive-se um momento de crise moral, não se sabe o que é bom e o que é ruim. Um código moral deve resumir séculos de sabedoria, séculos de conhecimento moral empírico. São precisos meios demorados e trabalhados para dar autoridade a uma verdade. Sente-se a falta de um código. Com o fim da crença no código moral cristão, ao mesmo tempo em que tudo passou a ser possível, nada mais é confiável de ser bom e, portanto, para muitos, nada mais importa, tudo tanto faz.

Se, por um lado, pode-se fazer de tudo, tudo é permitido, pois não há mais um valor superior e metafísico que condene alguma atitude, ou não mais se acredita no Juízo Final, por outro lado tem-se que, com isto, não se sabe o que é bom e o que é ruim, não se tem uma definição unívoca sobre o bem e o mal, daí que, para muitos, diante da impossibilidade de garantir o bem ou o bom com alguma dose de certeza, passam a sentir que tudo tanto faz, uma vez que nada pode estar certo, assim como nada pode estar errado: “Nada é verdadeiro,

---

tudo é permitido’... Pois bem, *isto* é a liberdade de espírito, *com isto* a fé na própria verdade é *abandonada*...” (NIETZSCHE, 1999, III, 24)

O niilismo é o sintoma da falta de preparo da filosofia ocidental para a liberdade de espírito. Realmente, não existe mais uma definição unívoca sobre bem e mal, mas, justamente por isto, somente agora se tornou possível pensar o que é bom e ruim levando-se em contas as diferenças entre as pessoas e culturas. As definições anteriores eram absolutas. Agora sabe-se que é a própria vida quem cria seus próprios valores, mesmo quando o faz por filosofias e religiões. O fim da crença em valores absolutos aumentou em muito o peso das decisões humanas no mundo e hoje se vive a dificuldade para lidar com isto. O niilismo é apontado por Nietzsche como o sentimento daqueles que não conseguem viver sem um sentido metafísico para a existência. “Niilismo como sintoma de que os fracassados não possuem mais consolação: de que destruíram para serem destruídos, de que, sem a moral, não mais possuem razão de ‘se sacrificar’” (NIETZSCHE, 1978, 5 [71]) O niilismo é o fruto da ausência de sentido para a dor e para o sofrimento uma vez que as justificativas anteriormente aceitas perderam o crédito. “O niilismo aparece hoje *não* porque o desgosto com a existência seja maior que outrora, mas porque o homem tornou-se desconfiado em geral a respeito de um ‘sentido’ para o mal, ou mesmo para a existência.” (NIETZSCHE, 1978, 5 [71])

Porém, esta não é a única alternativa possível diante do descrédito aos valores superiores. Para que se lamente e se sinta a falta da força destas valorações seria preciso que se tenha necessidade delas. Este que necessita de explicações fantasiosas para seu próprio consolo sempre foi alvo de duras críticas por parte da Nietzsche. Negar a vida a partir da criação de valores metafísicos é uma atitude decadente, assim como negá-la pela perda destes. O niilismo é o sintoma de fraqueza daqueles que são incapazes de criar um sentido por si mesmos.

Mas assim fala uma espécie de homens que não ousa mais possuir uma vontade, uma intenção, um *sentido*: para toda espécie de homens sãos, o valor da vida não se aprecia pura e simplesmente segundo o grau destas coisas marginais. Uma *preponderância* do sofrimento seria possível e, não obstante a esta, uma vontade potente, uma *adesão* à vida; um *terne* necessidade desta *preponderância*. (NIETZSCHE, 1976, 9 [107])

Chegar à conclusão de que a verdade não mais pode ser tratada de forma metafísica e absoluta e não ter mais em deus uma justificativa para o sofrimento e para a existência são considerados pontos positivos para Nietzsche. É preciso que comece uma era trágica, onde o homem não mais buscará o sentido do mundo por trás do mundo e aprenderá a atribuir seu próprio valor às coisas. Neste sentido, o niilismo não só é necessário, como é preciso que se viva este período, para que se chegue a outro ponto de desenvolvimento da cultura.

A crítica aos valores absolutos tem o objetivo de devolver à filosofia sua capacidade de criar valores, apontando para o fato de que as propensões naturais humanas, até então desprezadas, devem ser preponderantes. A crítica à verdade metafísica e aos fundamentos da moralidade faz parte da tentativa de Nietzsche de escapar às prisões criadas pela impotência e que direcionaram toda nossa cultura para uma situação de decadência. A filosofia de Nietzsche tem o intuito de contribuir para a desvalorização dos valores supremos, apontando sua história e seus interesses e objetivos. Diante da morte de Deus existem duas possibilidades. “Deus está morto, eis a *causa* do maior de todos os perigos: o quê? Ela pode ser também a causa da maior de todas as coragens!” (NIETZSCHE, 1978, 2 [129])

Se a morte de Deus traz consigo um sentimento de vazio que representa um perigo capaz de destruir a vontade humana, por outro lado, somente agora se tem também a total abertura para a verdadeira liberdade de espírito necessária para o fortalecimento da vida. Depreciar a vida por esta não mais oferecer segurança é apenas uma face do niilismo, o *niilismo passivo*, que foi descrito até agora. Contudo, Nietzsche é um dos grandes críticos dos valores superiores metafísicos e fez uma fortíssima crítica da verdade e de deus como legitimadores de regras morais. Se desta crítica decorre necessariamente o niilismo, este niilismo pode ser de dois tipos: o passivo, acima descrito, mas também existe um *niilismo ativo*, *afirmativo*, que é exatamente o niilismo que afirma a ausência de sentido e segurança nas experiências do homem e que tem nisto o único solo possível a partir do qual entende ser possível a recriação do homem. “Niilismo enquanto signo da *potência engrandecida do espírito*: enquanto NIILISMO ATIVO. Ele pode ser um sinal de *força*: a força do espírito pode aumentar de tal forma que as metas fixadas

---

*até agora* ('convicções', artigos de fé) não estão mais à sua altura." (NIETZSCHE, 1976, 9 [35])

Nietzsche chama sua compreensão crítica de niilismo ativo. Toda a crítica sobre a verdade e as regras morais, assim como sobre a forma como o ocidente divinizou valores decadentes, também pode ser entendida como niilismo, porém, um niilismo da força, um niilismo entendido como capacidade de afirmação da existência mesmo em seu caráter trágico.

Que não há verdade de forma alguma; que não há alguma conformação absoluta das coisas, alguma 'coisa em si' – isto mesmo é um niilismo, e na verdade o mais extremo. Ele encontra o valor das coisas precisamente no fato de que nenhuma realidade corresponde a este valor, mas somente um sintoma de força naqueles que instituíram os valores, uma simplificação para os fins da vida. (NIETZSCHE, 1976, 9 [35])

O niilismo aparece entendido como um período necessário após a descrença nos valores superiores. Esta descrença pode acarretar a negação da vida ou pode abrir para a sua mais pura afirmação, sua afirmação trágica e dionisíaca. "O *niilismo radical* é a convicção do caráter absolutamente insuportável da existência, em se tratando dos supremos valores que se conhece, ele abarca a *compreensão* de que não temos o menor direito de instituir um além ou um em si das coisas que seria 'divino', a imagem viva da moral." (NIETZSCHE, 1978, 10 [192])

Esta é a verdadeira demonstração de força a qual estamos submetidos. "O grau de *força de vontade* se mede pelo grau até onde se pode dispensar do *sentido* nas coisas, até onde suporta-se viver em um mundo desprovido de sentido: porque se *é capaz de organizar por si mesmo um pequeno fragmento deste*." (NIETZSCHE, 1976, 9 [60]) Não mais buscar o sentido das coisas por detrás das coisas, é preciso criar o sentido do mundo. O sentido sempre foi criado, mas estas criações sempre foram tidas por verdade. "Vontade de verdade' – *enquanto impotência da vontade de criar*." (NIETZSCHE, 1976, 9 [60]) A desvalorização da verdade enquanto fiadora de um mundo bom e justo obriga o homem a criar uma nova meta e um novo sentido, criar uma nova forma de vida e uma nova sensibilidade.

A questão clássica da história ocidental foi a de ter necessitado atribuir um valor à existência. O ocidente só foi capaz de

---

viver caso atribuisse um valor para a vida que a justificasse. Ele não foi capaz de afirmá-la incondicionalmente, ela deveria se inserir em algum tipo de lógica divina ou racional que a fizesse caminhar espontaneamente para o bem e o bom, para o justo. Sem esta crença, o homem europeu não viveria. Por isto, Nietzsche vê a história do ocidente como história da vitória dos fracos e decadentes, pois a vida só lhes foi possível a partir da justificação fantástica do acaso. E isto para Nietzsche é sinal de fraqueza. Para Nietzsche, “o devir é de igual valor a todo instante: a soma de seu valor resta igual a si mesma: *em outros termos: não há algum valor*, pois falta qualquer coisa segundo a qual o mundo seria avaliável e relativamente ao qual a palavra ‘valor’ faria sentido.” (NIETZSCHE, 1976, 11 [73]) Não apenas se critica a valoração metafísica da vida, como a própria valoração da vida. É impossível avaliar positiva ou negativamente a vida, o valor desta é algo que se encontra fora de nosso alcance. Por isto, a descrença nas valorações metafísicas do mundo não precisa levar ao desespero, mas a prova de força para a humanidade hoje significa, justamente, dar conta de viver com a ideia de ausência não só de sentido, mas de valor para o mundo e para a vida.

Juízos, juízos de valor acerca da vida, contra ou a favor, nunca podem ser verdadeiros, afinal; eles têm valor apenas como sintomas, são considerados apenas enquanto sintomas – em si, tais juízos são bobagens. É preciso estender ao máximo as mãos e fazer a tentativa de apreender essa espantosa *finesse*, a de que *o valor da vida não pode ser estimado*. (NIETZSCHE, 2006, II, 2)

Se Nietzsche é niilista, é apenas na medida em que é capaz de afirmar a ausência de sentido para a vida. Nietzsche se vê como “o primeiro niilista perfeito da Europa, mas que já venceu o niilismo nele mesmo, pois o levou a seu termo – que o tem atrás de si, abaixo de si, fora de si...” (NIETZSCHE, 1976, 11 [411]) Superar o niilismo significa retomar a potência criativa da vida e imprimir na existência mesma um sentido que direcione a humanidade para seu mais alto grau. Superar a decadência implica não só em fazer a crítica de seus valores, mas opor-lhes a afirmação incondicional e dionisíaca da vida, uma vida em direção ao aumento de potência. Este é o sentido da filosofia de Nietzsche, buscar a forma de elevar a vida ao seu mais alto grau de força.

---

## O espírito livre como experimento

---

Com a morte de Deus se encerra o período de vigência de um código moral específico, o cristão. Este fato é sentido por muitos com desespero e pessimismo, mas, para Nietzsche, trata-se de uma liberação para o espírito. Liberação de uma tradição que por muito tempo cercou e prendeu a cultura em uma moral que lhe negava as prerrogativas mais elementares de seu instinto. Durante mais de dois milênios, os impulsos mais naturais da humanidade foram considerados maléficos, hoje, não há mais uma moral metafísica que o impeça de afirmá-los. Este período de inicial liberdade de espírito é, necessariamente, um período de experimentação, uma vez que será preciso fazer a tentativa de novas formas de vida.

De fato, nós, filósofos e ‘espíritos livres’, ante a notícia de que ‘o velho Deus morreu’ nos sentimos como que iluminados por uma nova aurora; nosso coração transborda de gratidão, espanto, pressentimento, expectativa – enfim o horizonte nos parece novamente livre, embora não esteja limpo, enfim os nossos barcos podem novamente zarpar ao encontro de todo perigo, novamente é permitida toda a ousadia de quem busca o conhecimento, o mar, o *nosso* mar, está novamente aberto, e provavelmente nunca houve tanto ‘mar aberto.’” (NIETZSCHE, 2002a, 343)

Uma questão muito interessante que aparece neste fragmento é a ideia de que aqueles que buscam o conhecimento correm perigo. Durante milênios a ideia de conhecimento e sabedoria esteve ligada à observância de valores morais específicos. Estes, por sua vez, se encontravam legitimados por fundamentos metafísicos. A busca por conhecimento era a busca por alicerces cada vez mais primordiais, era a busca por fundamentos que chegassem o mais próximo da verdade moral. Mas a verdade moral em si era tida de antemão, já existia, era preciso conhecê-la, não criá-la. Ser sábio era ser obediente aos preceitos já existentes, ser sábio era, no máximo, buscar cada vez mais os fundamentos metafísicos de tais preceitos, isto era saber viver. O mais longe possível, portanto, da ousadia.

Como vimos, tais estruturas e sistemas não mais subsistem com tanta força. A busca por conhecimento perdeu seu caráter de busca por uma moral absoluta, já existente e verdadeira. O fim da crença em fórmulas morais lança a todos no labirinto existencial no

---

qual é preciso tecer seu próprio fio de Ariadne. O conhecimento, agora, só pode ser conhecimento da vida. Não há mais receitas. Dentro deste contexto, a busca por conhecimento terá que ser feita a partir de experiências, experimentações. Criticando os religiosos pregadores da moral Nietzsche diz: “Mas nós, os sequiosos de razão, queremos examinar nossas vivências do modo rigoroso como se faz uma experiência científica, hora a hora e dia a dia! Queremos ser nossos experimentos e nossas cobaias.” (NIETZSCHE, 2002a, 319) Vivenciar os próprios impulsos e sentimentos se tornou um caminho aberto, o filósofo terá neste solo sua fonte inesgotável de possibilidades e rumos. A sabedoria se torna a capacidade de escolher as experiências que lhe são necessárias e conseguir crescer com elas. Caminho perigoso e desconhecido, onde se corre sempre o risco de se viver algo de insuportável e morrer. “Independência é algo para bem poucos: – é prerrogativa dos fortes. (...) Ele penetra num labirinto, multiplica mil vezes os perigos que o viver já traz consigo; dos quais um dos maiores é que ninguém pode ver como e onde se extravia, se isola e é despedaçado por algum Minotauro da consciência.” (NIETZSCHE, 1992, 29) A morte de Deus traz a independência frente a moral e a abertura para a experiência de si.

A partir da perda de parâmetros, abre-se um período de experiências e de riscos. O caminho para a liberdade do espírito e para o conhecimento é um caminho de experiências, pois quando se decide viver por sua própria vontade, a partir de um impulso de autodeterminação contra a moral, não se pode saber de antemão o caminho a ser tomado. O próprio caminho se torna uma construção a qual se chama vida. A vida liberta da moral é a única que permite o verdadeiro engrandecimento do espírito, pois este engrandecimento é, necessariamente, uma consequência do aprimoramento e esmeramento de uma grande paixão e de uma grande vontade. Este é o movimento ético. A vida se torna uma experiência do conhecimento; conhecimento perigoso e trágico, mas com certeza gratificante. “Não, a vida não me desiludiu! A cada ano que passa eu a sinto mais verdadeira, mais desejável e misteriosa – desde aquele dia em que veio a mim o grande liberador, o pensamento de que a vida poderia ser uma experiência de quem busca conhecer – e não um dever, uma fatalidade, uma trapaça!” (NIETZSCHE, 2002a, 324)

Encerrar a vida no dever significa determinar um grau fixo e baixo para a potência. Ao contrário disto, “não sabemos o que pode o corpo”. (SPINOSA apud DELEUZE, 2002, p. 23) É preciso explorar

suas potências, elevá-las ao maior grau que se consiga; isto é sinal de força. Fazer de si uma experiência do conhecimento é perigoso, pois não sabemos o que somos nem do que somos capazes. “Toda ação da qual um homem é incapaz é dele desconhecida.” (NIETZSCHE, 1978, 1 [14]) Ética é a coragem para fazer da vida a tentativa de descobrir aquilo de que se é capaz. Ética é elevar sua vontade à máxima potência. A moral sempre direcionou o homem para um sentido enfraquecedor, pois ela é a arma dos impotentes contra os fortes, ética é o oposto da moral.

Aquele que refletir sobre os meios de levar o tipo homem a seu esplendor e a sua maior potência compreende que ele deve se manter fora da moral: pois a moral tem essencialmente por meta o contrário, tentar bloquear ou negar esta esplendida evolução no momento em que ela está em marcha. (...) Uma tendência hostil à vida é então própria da moral, na medida em que ela quer subjugar os tipos de vida mais fortes. (NIETZSCHE, 1978, 5 [98])

Ao contrário do niilismo passivo e da prostração, o desejo que domina o forte a partir da morte de Deus é um ímpeto de autodeterminação, um sentimento de liberdade frente a tudo, uma necessidade de seguir a si e somente a si mesmo. Eis a tarefa fundamental do espírito livre: “*O que diz a sua consciência? – ‘Tornese aquilo que você é.’*” (NIETZSCHE, 2002a, 270) Contudo, justamente por seguir a si mesmo e por não se saber o que se é, este talvez seja o mais perigoso dos caminhos. “Para um homem que pensa o gênero de coisas que devo pensar, o perigo de se destruir é sempre iminente.” (NIETZSCHE, 1978, 1 [1]) Uma vez que toda moral e dever das virtudes anteriormente aceitas não correspondem a uma sabedoria de espíritos livres, este terá que criar seus valores a partir de suas experiências. A insegurança e a solidão serão seus companheiros, mas assim se engrandece a vida. “Pois, creiam-me! – o segredo para colher da vida a maior fecundidade e a maior fruição é: *viver perigosamente!*” (NIETZSCHE, 2002a, 283) Se a vida é vontade de potência, o enobrecimento se dá pelo aumento de potência, contudo, trata-se de um caos de potência a ser maestrado; é preciso viver a potência da vontade para tornar-se aquilo que se é, e esta experiência além de não ser segura é imprevisível. “Acreditamos que um homem deve ter vivido de maneira absolutamente ‘não filosófica’, segundo os critérios tradicionais, e sobretudo não em tímida virtude – para poder

---

julgar os grandes problemas a partir de suas *experiências*.” (NIETZSCHE, 1982, 35 [24]) Se a maneira filosófica por excelência era o ascetismo, as experiências constituem uma espécie de ideal contrário, não-filosófico. A filosofia não mais aparece ligada a um dever e uma virtude tradicional, ao contrário, esta vida de experimentos é perigosa e se assemelha à doença. Sua manifestação pode ser nefasta, principalmente no princípio, quando o homem a inicia, ainda sem saber ao certo o porquê de seu rumo nesta direção. “Ela é simultaneamente uma doença que pode destruir o homem, essa primeira erupção de vontade e força de autodeterminação, de determinação própria dos valores, essa vontade de *livre* vontade: e quanta doença não se exprime nos selvagens experimentos e excentricidades com que o liberado, o desprendido, procura demonstrar seu domínio sobre as coisas!” (NIETZSCHE, 2002b, Prólogo, 3) Este estado doentio é o despertar dos monstros esplendidos, é a mordida dos cães selvagens, é o ponto onde, acima da moral, começa o caminho em direção a si mesmo. Caminho perigoso, pois não fomos ensinados a nos conhecer e a nos dominar, não se tem coragem para os próprios apetites, eles foram por milênios caluniados, envergonhamo-nos de nossos impulsos, não o realizamos ou quando o realizamos o fazemos de forma bruta e autodestrutiva. Dominar esta situação é a sabedoria ética.

Mesmo chamando esta intensidade do espírito de doença, Nietzsche não a está desqualificando. Em verdade, a própria diferença entre saúde e doença não só é tênue como mal estabelecida. “Pois não existe uma saúde em si, e todas as tentativas de definir tal coisa fracassaram miseravelmente. Depende do seu objetivo, do seu horizonte, de suas forças, de seus impulsos, seus erros e, sobretudo, dos ideais e fantasias de sua alma, determinar *o quê* deve significar saúde também para seu corpo.” (NIETZSCHE, 2002a, 120) Mesmo que se pudesse definir a saúde com precisão, “permaneceria aberta a grande questão de saber se podemos *prescindir* da doença, até para o desenvolvimento de nossa virtude, e se a nossa avidez de conhecimento e autoconhecimento não necessitaria tanto da alma doente quanto da sã; em suma, se a exclusiva vontade de saúde não seria um preconceito, uma covardia e talvez um quê de refinado barbarismo e retrocesso.” (NIETZSCHE, 2002a, 120) As ideias de doença e saúde se associam com a de experiência, pois o conhecimento da vida após a moral somente pode ser tentado a partir da experimentação. Contudo, a experimentação do afeto, a mais forte

---

potência da natureza, é uma experiência perigosa da qual nada se sabe até que se a tenha. O caráter violento e, não poucas vezes, autodestrutivo destas experiências tornam-nas semelhantes a doenças que machucam e podem até matar. O espírito livre transita entre estes estados e deles retorna sempre com algo a mais. Este estado fisiológico, esta tonalidade da alma, esta intensidade do afeto é o que Nietzsche chama de “*grande saúde* – uma tal que não apenas se tem, mas constantemente se adquire e é preciso adquirir, pois sempre de novo se abandona e é preciso abandonar...” (NIETZSCHE, 2002a, 382) A grande saúde é a coragem para a ética trágica, é a coragem de deixar a moral e partir rumo a si mesmo, rumo aos seus próprios afetos e dominá-los, conhecê-los e, depois, perder-se de novo. A “*grande saúde*, o excesso que dá ao espírito livre o perigoso privilégio de poder viver *por experiência* e oferecer-se à aventura”. (NIETZSCHE, 2002b, prólogo, 4)

Somente resta ao homem arrogar-se de seu próprio espírito e criar seu próprio caminho, tornar-se si mesmo. O caminho do espírito livre é, necessariamente, um caminho de solidão, pois é preciso que encontre sua própria vontade, sua grande paixão, o impulso primordial que dá sentido a sua própria vida, o que não se assemelha em nada a seguir uma moral qualquer. A liberdade frente a moral é a consequência imediata da morte de Deus, esta liberdade pode ocasionar uma desilusão com a vida (como é o caso do niilismo), mas também pode ser recebida como um pré-requisito para a liberdade de espírito. “A *preocupação moral* situa um indivíduo no mais baixo degrau da hierarquia”. (NIETZSCHE, 1976, 9 [152]) Falta-lhe o sentimento de liberdade para ser à parte, para ser si mesmo, falta-lhe o *pathos* da distância. É o rebanho que busca se igualar aos demais e assim dissimular sua mediocridade. O homem de rebanho “não possui seu valor à parte: ele pode ser comparado, possui seu igual, não possui o *direito* de ser singular...” (NIETZSCHE, 1976, 10 [85]) Já o espírito livre é único, pois torna-se aquilo que é. Este é o objetivo da filosofia de Nietzsche: superar a moral em direção a um novo homem, um além-do-homem. O caminho em direção a uma cultura superior se dará pela experimentação de novos pensamentos e novos valores. “Uma cultura de exceção, de experimentação, do risco, da nuance enquanto consequência de uma grande *riqueza de forças*: toda cultura aristocrática obedece a esta tendência.” (NIETZSCHE, 1976, 9 [139])

**Referências bibliográficas:**

DELEUZE, G. **Espinoza: filosofia prática**. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. Ed. Escuta. São Paulo, 2002.

NIETZSCHE, F.W. **Além do bem e do mal**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

\_\_\_\_\_. **Crepúsculo dos ídolos**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **Fragments posthumes. Automne 1884 – automne 1885. Oeuvres philosophiques complètes, XI**. Trad. Michel HAar e Marc B. de Launay. Paris: Galimard, 1982.

\_\_\_\_\_. **Fragments posthumes. Automne 188 – automne 1887. Oeuvres philosophiques complètes, XII**. Trad. Julien Hervier. Paris: Galimard, 1978.

\_\_\_\_\_. **Fragments posthumes. Automne 1887 – mars 1888. Oeuvres philosophiques complètes, XIII**. Trad. Pierre Klossowski. Paris: Galimard, 1976.

\_\_\_\_\_. **Gaia ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das letras, 2002a.

\_\_\_\_\_. **Genealogia da moral**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

\_\_\_\_\_. **Humano, demasiado humano**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2002b.